

Primeira Grande Guerra

Trincheiras Portuguesas

A Europa no início do século XX viveu sempre sobre a ameaça de uma grande guerra. Os crescentes nacionalismos das pequenas nações que viviam dominadas pelo Império Austro-Húngaro e pelo Império Otomano; a ambição *Imperial* dos Estados Europeus; a rivalidade económica entre os países capitalistas mais desenvolvidos na procura de novos mercados de escoamento dos seus produtos; o pangermanismo alemão que defendia a superioridade da raça germânica; o Pan-eslavismo russo com intenções expansionistas e de liderança na região dos Balcãs; o nacionalismo francês que tinha como objectivo prioritário a recuperação das províncias da Alsácia e da Lorena perdidas na guerra franco-prussiana *1870-71*, criou um clima propício ao aparecimento de alianças militares com um cunho cada vez menos defensivo, o que provocou uma corrida ao armamento.

bem como o denso sistema de alianças europeu, transformou em poucos dias um conflito regional num conflito Mundial. De um lado os **Aliados** - Servia, Rússia, Reino Unido, França e a Bélgica, do outro lado as **Potências Centrais** - Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Os primeiros meses da guerra

que obrigava a uma participação portuguesa nos campos de guerra europeus, transformando-o deste modo no menos consensual); - Conseguir ultrapassar as clivagens existentes dentro da República através de um objectivo nacional (o que impunha uma estratégia concertada). Portugal preparou o mais

militares que deveriam seguir para França, revoltaram-se no dia 5 de Dezembro de 1917. Revoltaram-se contra a guerra, contra a demagogia de alguns partidos políticos (em especial o democrático), contra a situação económico-social do país. Sidónio Pais foi o chefe carismático desta revolução. Governou o país (depois de ter modificado o

entrevista). Os soldados portugueses foram apanhados de surpresa, houve milhares de mortos e feridos e os alemães fizeram alguns milhares de prisioneiros. O CEP ficou praticamente inoperacional e desmantelado e sofreu inclusive abusos por parte das forças inglesas como nos relata o senhor Francisco Martins.

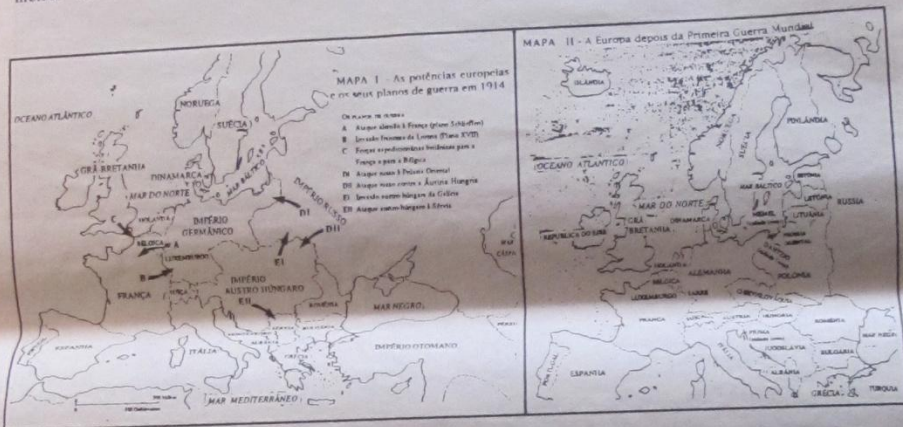
A entrada dos Estados Unidos na guerra a partir de 1917 (ano também de "capitulação" russa), foi decisiva para o desenrolar da guerra que desde 1917 pedia para o lado das Potências Centrais. A Batalha de La Lys insere-se numa série de ataques desesperados dos alemães na frente ocidental com o fim de ganhar vantagem antes da chegada das forças dos Estados Unidos à Europa. A chegada de tropas americanas mas em especial de equipamento e apoio económico-financeiro modificou o rumo da guerra. As forças produtivas dos dois blocos ficaram muito desiguais e esse facto mostrou-se decisivo para apressar o fim de uma guerra que já ia longa.

Em meados de Junho de 1918 os aliados eram muito superiores em número de tropas e em todo o tipo de armamento. Este facto mostrou-se decisivo na recta final da guerra.

Em Novembro de 1918 a Alemanha assina o armistício. Tinha terminado a guerra mais sangrenta que a História tinha conhecido até então. A Europa e o Mundo sofreram grandes alterações. O fim da guerra possibilitou uma grande transformação das fronteiras políticas europeias. "Algumas" Nações tiveram a possibilidade de construir o seu Estado (ver Mapa II).

Portugal conseguiu atingir só uma parte dos objectivos da participação portuguesa na Grande Guerra. Conseguiu manter as colónias, mas a integração no concerto das nações não foi suficientemente conseguida e a guerra agravou ainda mais as clivagens existentes dentro da República.

Manuel Baiões



caracterizaram-se por grandes movimentações de tropas de ambos os lados nas três frentes de combate (como se pode verificar no Mapa I): - Frente Ocidental, do Mar do Norte à Fronteira Suíça. - Frente Leste, do Mar Báltico à fronteira Romana. - Frente Balcânica, na fronteira da Servia.

Os generais e os políticos pensavam que a guerra seria rápida. Mas a "Guerra de Movimentos" não atingiu os resultados esperados. Depois de algumas manobras com êxito por parte das Potências Centrais, a guerra transformou-se num enfrentamento de forças extremamente potentes que se podiam aniquilar numa guerra tradicional de movimentos, de manobras face a face. As metralhadoras e a artilharia pesada de fogo rápido forçaram os generais a esquecerem os seus soldados "debaixo da terra", nas trincheiras, para evitarem os massacres do enfrentamento directo. De uma guerra de movimentos passa-se a uma guerra de posições (ou de

internacional.

Grande parte dos sectores políticos portugueses sentiam-se inclinados a participar na guerra ao lado dos Aliados. Mas, mesmo depois de alguns ataques alemães às colónias portuguesas a posição de Portugal não foi muito clara. Em grande parte devido à instabilidade política e à grande clivagem existente nos partidos políticos e na opinião pública sobre a questão. Foram enviadas tropas para África, para defenderem as colónias, mas a participação no teatro de guerra europeu foi adiada.

Só em Fevereiro de 1916 Portugal decide, após pedido do Reino Unido apreender os barcos mercantes alemães e austro-húngaros estacionados nos portos portugueses. Na sequência, a Alemanha declara-nos guerra em 9 de Março de 1916.

Portugal entra na guerra com três objectivos:

- Manter as colónias (objectivo mais consensual);
- Conseguir uma integração no contexto europeu e internacional (o

rapidamente possível o corpo expedicionário português (CEP), a enviar para França. Em inícios de 1917 desembarcaram em França as nossas primeiras forças militares. O senhor Francisco Gregório Martins foi um dos milhares de soldados portugueses (mais de 50 mil) que partiram para França em 1917. Na entrevista que apresentamos com este ex-combatente da I Guerra Mundial podemos constatar as duras condições de vida que os portugueses foram encontrar nos campos da Flandres em França. Os soldados "viviam" em "buracos" feitos na terra, por vezes cheios de água, de lama. Esperavam um ataque, um tiro que podia trazer a morte - eram as trincheiras. Abandonados pelos seus aliados (como refere a entrevista), mas também pelos políticos portugueses que na Pátria não conseguiram estabelecer uma estratégia nacional para a guerra, tiveram de enfrentar a fome e por vezes a tortura. Em Portugal algumas unidades

sistema constitucional) até ao dia 14 de Dezembro de 1918 dia em que foi assassinado em Lisboa.

O período de governação de Sidónio Pais marca uma viragem na política de guerra portuguesa. Terminaram os envios de tropas para França e diminuiu drasticamente o esforço de guerra do Estado português. Esta situação marca decisivamente a moral das tropas portuguesas que continuavam a lutar na Flandres. Os nossos soldados sentiam-se abandonados pelos políticos. Com falta de equipamento, de alimentos e em especial de tropas que rendessem todos aqueles que lutavam dia a dia na frente de combate. O seu estado físico e psíquico foi desgastando-se progressivamente. É neste período que se trava a batalha mais dura para as tropas portuguesas - a Batalha de La Lys. No dia 9 de Abril de 1918 os alemães atacaram as posições portuguesas que esperavam ser brevemente rendidas. O ataque inflingiu um duro golpe nas forças portuguesas (conferir na

Entrevista

Um Português na Guerra

Apresentamos hoje uma entrevista realizada em Novembro de 1992, por alunas da Escola Secundária de Serpa ao senhor Francisco Gregório Martins que participou na I Guerra Mundial (1914-1918). Natural e residente em Vale do Poço - Serpa, nasceu no dia 23 de Maio de 1897. Tendo acentado praça em Elvas no regimento de Infantaria 17, foi mobilizado para a guerra em 1917. Faleceu infelizmente no dia 15 de Fevereiro de 1993. Aqui deixamos as suas palavras.

P. - Qual foi a sua reacção quando soube que teria de ir para a guerra? Teve medo?

R. - Após a mobilização os nossos oficiais reuniram-se e perguntaram-nos qual era a nossa opinião: ir ou não ir para a guerra? É claro que nós sóíamos sendo obrigados, pois quem é que gostaria de ir, e medo quem o não tinha? Mas se não havia nada a fazer, então lá iam nós fosse o que Deus quisesse.

P. - A família, como aceitou?

R. - Na altura ainda era solteiro, embora já namorasse. A família aceitou como era de esperar, com lágrimas e com a esperança que eu sobrevivesse.

P. - Quando partiram?

R. - Após a mobilização levaram-nos para Mafra, de Mafra para Lisboa e em Agosto fomos finalmente para França.

P. Uma vez em território francês começaram logo os combates?

R. - Não, quando chegamos a França andamos em instrução durante um mês ou dois, só depois fomos para as linhas combater.

P. - Uma vez em combate chegou o sofrimento, a luta pela sobrevivência, o desespero da morte, a angústia de ver morrer os companheiros. Conte-nos então alguns episódios dessa fase difícil da guerra, fale-nos do clima pesado das trincheiras.

R. - Eu assisti a todos os combates. Sem dúvida que foi uma fase de grande angústia, arriscar a vida a cada minuto, matar para não ser morto. Foram meses naquelas malditas trincheiras, escondiam-nos nos buracos feitos pelas granadas, cavávamos buracos no chão enchendo sacos de terra, depois escondiam-nos lá de baixo, se por acaso nos levantávamos e vinha uma bala, éramos atingidos. Vi morrer muitos companheiros meus assim, também muitos

morreram de fome pois a comida que nos davam não era nada. A minha sorte foi um cheque que meu pai me mandou, com o qual eu mandei comprar comida. Pertencia ao regimento que estava a guardar o meu regimento um rapaz que também era alentejano, e eu pedi-lhe para ele me trazer comida, o que era um grande risco, pois se era descoberto seria fuzilado, mas ele foi quem me valeu.

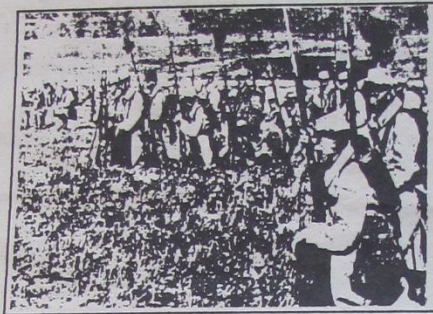
Além da fome existia o frio, muitos morreram de frio, paralisavam-se-lhes as mãos e as pernas, era horrível!

Uma vez fomos presos, prenderam-nos numa cerca com arame farpado, onde estivemos três dias e três noites, o frio era tanto que nós para aguentarmos, deitamos-nos uns em cima dos outros, foi assim que conseguimos sobreviver ao frio.

Fomos torturados, também pelos revoltosos (?), muitos dos meus companheiros morreram espancados. Punham-se um de um lado e outro no outro, cada um com o seu cavalo marinho, e faziam os soldados correr de um lado para o outro, com uma mochila às costas carregada de pedras sendo espancados até cair por fim, muitos deles acabariam por morrer. Era horrível ver morrer os outros e acreditar que também eu podia morrer da mesma forma.

Carreguei tantos cadáveres dos meus companheiros, cadáveres que até não estavam inteiros, vi-os serem fuzilados, sim fuzilados, porque estava em vigor essa lei. Também um dia fui condenado, escolheram seis do meu regimento, um deles era eu, porém fui salvo pelos meus oficiais, eu e os outros, apenas um dos portugueses foi fuzilado.

P. - O que é que sentia quando via morrer os seus colegas?



Sentia mais vontade de combater contra o inimigo ou perdia a coragem?

R. - Foram tantos aqueles que eu vi morrer e era tão horrível aquele cenário que nos já não nos comovíamos, só fazíamos os possíveis para não morrer também, embora não acreditássemos que sobreviveríamos. Porque não acreditava na minha sobrevivência, revolvi então fazer uns versos, que contassem o que passei, podia ser que um dia alguém os lêsse e se lembrasse por aquilo que passaram todos os que pela defesa da pátria lutaram.

Ao abrigo da trincheira andei, em guerra metido sujeitei o meu coração às balas do inimigo.

E com a minha arma na mão, eu cumpria o meu dever sujeito a matar ou morrer ao golpe do alemão!

Ouvia troar o canhão e ouvia a metralhadora ligeira e com pólvora na cartucheira esperando assim a minha sorte, mas sempre sujeito à morte ao abrigo da trincheira!

Ali via o triste fim de amigos e companheiros, morrendo por enormes morteiros, o mesmo podia suceder a mim...

Triste hora foi que eu vim! Digo isto com razão,

escrevo esta recordação mesmo antes morrer para a pátria defender sujeitei o meu coração.

Para ali se vai morrer...

Para quem tal sitio caminho mas quando é, ninguém adivinha a hora em que será, também morre quem não está na 1.ª e 2.ª linha.

Ali via os jazigos onde estavam amigos nossos para lá podiam ir meus ossos andando em guerra metido!

Ali só se ouvia gemer debaixo dos sacos de terra e foram as medalhas da guerra que o soldado pode ter!...

P. - O que é que sentia em relação ao inimigo, sentia ódio?

R. - Não, eu não sentia ódio do inimigo, pois sabia que eles também só estavam ali porque eram obrigados. Só matavam para não morrerem, sofriam tanto como nós e eram tão sacrificados como nós, só a diferença é que estavam no outro lado.

P. - Durante tantos meses de combate e de sofrimento conseguiram combater sempre com a mesma força, a mesma coragem? Nunca sentiu medo?

R. - Medo? Já não tínhamos medo. Ao princípio davamos para beber uma colherzinha pequena de rum, mas para o fim já nos mandavam encher o cantil.

Quando nós bebíamos já não tínhamos medo de nada, nem medo de morrer, nem de ser ferido ou preso. Pulávamos as trincheiras com toda a facilidade e combatíamos com toda a força que tínhamos, não nos comovíamos nem nos lembrávamos da família nem nada.

Passaram assim cerca de sete meses, combatemos sempre mais ou menos com o mesmo ritmo. Foram sete meses de combates nas trincheiras até que chegou o nove de Abril.

P. - O Sr. Francisco não nos explicou o que foi o "9 de Abril", porém supomos que foi quando começou a última fase da guerra (após a fase das trincheiras). Quando os alemães ao tomarem conhecimento que chegariam as forças americanas, acharam que deviam avançar antes que estas chegassem, e assim o fizeram, surpreendendo as forças que combatiam no território francês.

P. - Diga-nos o que aconteceu no "9 de Abril" (Batalha de La Lys)?

R. - Nós como de costume estávamos na frente de batalha. Esperávamos os alemães de frente e eles atacaram pela retaguarda (os ingleses estavam dos lados), e não tivemos hipóteses, foi então que ouvimos um alto-falante a dizer para nós fugirmos. Eu fui um dos que fugi, os que não fugiram morreram e outros foram presos, pois tiraram-nos toda a munição (?). Tivemos de nos refugiar, e além disso, os ingleses deixaram de nos alimentar, alegando como motivo a nossa derrota.

Foi então que chegaram os americanos com uma grande aviação, foram os americanos que nos salvaram. Se não fossem os americanos os alemães tinham ganho a guerra, mas como os americanos tinham muito artilharia e aviação fizeram

com que eles se rendessem. Os americanos abriram-nos cantinas, se não tínhamos morrido de fome pois os ingleses não nos alimentavam.

Quando acabou a guerra, os oficiais que tinham deixado de nos dar comida foram fuzilados.

Podemos dizer que devemos a vida aos americanos.

Finalmente tinha acabado a guerra!!

P. - Após a guerra regressaram logo para Portugal?

R. - Não, terminada a guerra não nos deixaram regressar logo para Portugal, pois devido a guerra fazia-se sentir por toda a parte a chamada "pneumonia" ou "gripe espanhola", que era uma doença, altamente perigosa e contagiosa que completando os efeitos da guerra arrasou grande parte da população. Logicamente também Portugal foi afectado, e por essa razão ficamos retidos na Bélgica como medida de precaução durante um ou dois meses, pois lá a doença não se espalhava tão facilmente uma vez que eram tomadas medidas eficazes. Só após terminada essa doença voltamos então para o nosso país.

P. - Voltar ao país! A hora mais desejada. Como foi?

R. - Sim, o que nós mais desejávamos era voltar para o país, e é claro que foi muito bom, afinal tinha sobrevivido, ia voltar a ver a família, a namorada, havia terminado o pesadelo, ficavam para trás as trincheiras, o barulho das balas, o medo do inimigo, o desespero, porém este alívio e a felicidade de estar vivo não fazia esquecer a saudade daqueles que lutando assim como eu não tiveram a mesma sorte e morreram e é duro lembrar isso, afinal eles também acreditavam que um dia voltariam como eu voltei. Estou feliz por estar vivo e ter voltado. □